

REMINISCÊNCIAS



João Batista da Silva

(De Quatiguaba – Viçosa do Ceará, Engenheiro, Bancário, em Fortaleza-Ce)

Escalhei as montanhas da Ibiapaba, férias finais de 66, adolescente desgarrado. Batina e terno na lembrança, o fértil vale do Acaraú ficara para trás. Teria um ano, para numa das cidades frias da cordilheira, ser um orador ginásial concludente.

Nos dias que antecediam a festa, também estava sendo confeccionado o convite dos quartanistas/67 do Colégio Sobralense e o meu coração estava nele, com os betanistas.

Certamente havia um propósito para aquela conclusão ser em Tianguá. Ali pude agradecer pessoal e publicamente, ao amigo do meu avô e mentor do meu pai, o vigário Pe Tibúrcio Gonçalves de Paula, presente naquele evento.

O discurso de formatura sensibilizou o vigário e o orador iniciaria o ano de 68, bolsista reintegrado a uma parte de ex-betanistas, no Sobralense, o mais aristocrático dos colégios da zona norte cearense.

Os dois anos seguintes seriam de aula em tempo integral, preparação para o vestibular em pé de igualdade com as melhores escolas da capital.

Além da biblioteca do seminário da Betânia, o Colégio Sobralense absorvera mestres da estirpe de um Luizito Dias Rodrigues, Temístocles da Silva Filho, João Mendes Lira, Osvaldo Carneiro Chaves e José Linhares Ponte recém-chegado de uma temporada na Europa, agora diretor.

Rapidamente chegou 1970 e com ele a minha separação definitiva dos contemporâneos betanistas, em bancos de escola.

Naquele ano vi a primeira assinatura patronal na minha carteira de trabalho, seguindo-se um quadriênio de progressivas conquistas laborais.

Trabalhar com o reitor/diretor Pe Zé Linhares, conviver com o mestre Pe Osvaldo Chaves e instrutores como Marcelo Parente, Iracema Bento, Jacyra Pimentel, Minerva Sanford, Alice Neves, José Mário Pimentel, Sampaio Sales e outros, foi fundamental para um rito de passagem, sem traumas. Minha sobrevivência, agora era responsabilidade pessoal.

Enquanto cursava engenharia na UVA, para mim emocionalmente uma extensão da Betânia, ensinava matemática no Colégio Sobralense e química no Colégio Sant'Ana, estabelecimentos de parentesco muito próximo com o seminário.

Alguém já disse que “quando a escola é boa e os alunos inteligentes, nenhum se perde.”

Ainda encontro pessoalmente alguns ex-alunos, profissionais de alto nível em posições profissionais estratégicas e outros que pela importância circunstancial, só os vejo de longe pela imprensa. A professora, psicóloga e vice-governadora cearense Isolda Cela, era um dos nomes do meu diário de classe do Colégio Sobralense 73/75.

Passagem meteórica pelo magistério, gratificante.

Tudo fora proveitoso no cotidiano da Betânia.

Marcou época a narração de histórias no recreio noturno, pelo jovem intelectual Juarez Leitão. Técnica apurada na exposição teatral emocionante de clássicos, o poeta já tornava cativo seu ouvinte, como ainda hoje o faz com seu leitor. Magnetizava uma plateia atenta que absorvia o relato com perfeito entendimento. Estávamos lá!

O futebol na poeira ou no salão, revelava talentos que se perpetuariam na memória dos contemporâneos e gerações seguintes. Estes encontros também produziam narradores vibrantes e comentaristas abalizados, que faziam de seus punhos fechados a projeção de microfones que anos mais tarde, poderiam ser reais. Deste modo, comentei jogos ao lado do Arcelino do Ceará, que narrava à semelhança do Waldyr Amaral, partidas que para nós tornavam-se emocionantes.

Uma década depois, já professor e universitário, fiz parte da equipe esportiva da rádio Educadora do Nordeste, em Sobral, sob o comando de Tupinambá Frota, ao lado do William Vasconcelos e outras feras, que tornavam aquela equipe imbatível na audiência.

Cobrimos grandes jogos, entrevistamos atletas de destaque, estivemos presentes em eventos memoráveis.

Não foram poucas as vezes que tivemos na cabine central do estádio do Junco a presença honrosa do Pe Sadoc. No amistoso de placar mais elástico adverso ao “cacique do vale”, Guarany de Sobral 2 x 6 Cruzeiro de Belo Horizonte, o fundador da UVA e historiador ilustre, esteve conosco e sempre de bom humor. Foi colírio aos seus olhos o brilhantismo incontestável do admirável “trem mineiro” de Raul Plasma, Nelinho, Piazza, Palhinha e cia.

Meu nome muito comum, no rádio continuou simples, porém diferente, acrescentado de “p”, uma certa nobreza orto-

gráfica sem autorização cartorária. Baptista, geraria o slogan BATISTA COM P, O COMENTARISTA QUE VEIO DE QUATIGUABA! O que poderia não significar absolutamente nada, acabou aguçando entre os ouvintes e emissoras concorrentes a curiosidade no diferencial da chamada.

Numa reunião de pais e mestres do colégio sobralense, surpreendentemente o Pe Zé Linhares apresentou-me aos pais como “Batista com p” e ainda guardo um bilhete do mestre-poeta Osvaldo Chaves, escrevendo-me Baptista.

Até aqui as influências da Betânia davam indicações que poderiam levar-me à cátedra, ao microfone ou à redação jornalística, se esta conclusão não passasse de uma presunção pueril.

Em 73, com o giz numa mão e o microfone em outra, quando estas possíveis profissões além da engenharia ainda eram flerte, apresentou-se à minha frente a oportunidade de um concurso público. Esquecendo-me da concorrência de uma seleção extremamente disputada, avancei para os sonhos que estavam adiante de mim.

Ouso descrever a sensação agradável de uma prova bem sucedida, valendo a conquista de um emprego por muitos desejada, como se atleta fosse!

Atento centroavante na entrada da área e uma bola alçada fora do alcance do zagueiro, oferecendo-se para um disparo de quem rapidamente está livre de marcação. Músculos da coxa retesados para um arremesso de primeira, um sem-pulo no ângulo, voleio com indefensável petardo, que faz o atacante correr para o abraço e celebrar com a torcida. Foi com a alegria de quem marca um gol de placa decisivo, que reagi silenciosamente, de férias em Quatiguaba, minha aldeia, quando escutei pelo rádio, num programa esportivo, o anúncio de minha

aprovação no Banco do Brasil pelo radialista e companheiro William Vasconcelos.

No dia 01.07.75, recebi um telex de parabéns da diretoria do BB pelo lucro da agência onde assumi no dia anterior, dia do balanço semestral. Claro que era um bem-humorado trote ao funcionário calouro.

Surpreendeu-me os suficientes proventos de um só emprego que superava as três colocações de há pouco. O morar estreante numa cidade litorânea com sua gastronomia e seu julho fervilhante como recepção, deslumbrava o franzino e recatado recém-chegado em Camocim. Intensos dez meses marcaram minha passagem na concorrida e bela cidade, local de meus primeiros passos na jornada bancária.

Retornaria à Princesa do Norte, onde passaria mais dez meses, seguindo para Fortaleza para o imponente novo prédio da Praça do Carmo, onde fecharia um ciclo de excelentes cidades do Ceará e ingressaria na vida conjugal com a Rosa que colhi na rua Domingos Olímpio, antiga rua da Aurora, Sobral, cidade que insistia em deixar definitivas marcas no meu viver. Ali estudei, trabalhei e definitivamente enamorei-me da eleita da minha vida.

Viria então Apodi no Rio Grande do Norte além de São João dos Patos e Colinas no Maranhão da Amazônia Legal, lugares que por espontânea vontade, através de concorrência, viajamos comissionados, estimulados não só pelas vantagens financeiras, mas, dispostos a participar do avanço econômico e social daquelas regiões. De fato, ao sairmos de cada uma das cidades, não as deixávamos como havíamos encontrado, melhorias e progresso haviam chegado para ficar.

Retornaríamos à cidade grande, fazendo uma parada em Mossoró.

Chegava o momento de retornar à Fortaleza, eu e minha amada Rosa Lúcia. Depois de uma década de casados e uma inesquecível peregrinação pela Amazônia legal e nordeste brasileiro, trazíamos na bagagem mais três vidas: João Marcos, oito anos, Daniel, quatro anos e Lucas, seis meses de idade.

Com os filhos estudando em Fortaleza, vinha-me à mente um possível encontro deles em sala de aula com um contemporâneo meu, do Sobralense ou da Betânia, e pulsante era a minha alegria, quando isto acontecia.

Lucas, o caçula, hoje oficial da Marinha Mercante, chefe de máquinas, já deu volta ao mundo em viagens como profissional. Antes, quando estudante no Colégio Christus, trazia-me notícias do professor Orion Paiva, que magistralmente colocava a garotada para redigir.

João Marcos, o primogênito, fazia-me rasgados elogios ao Prof. Dr Lucivan Miranda, seu orientador na Medicina UFC. Mestrado em Saúde Pública e Doutorado em Cirurgia, João Marcos é médico do Hospital Universitário de Brasília - HUB / UnB e Diretor do Hospital da Região Leste - HRL/GDF em Brasília, requisitado recentemente pelo Ministério da Saúde.

Daniel, hoje no MPF, fazendo mestrado na Universidade do Minho, Portugal, empolgado com o casarão da Praça Clóvis Bevilacqua, onde formou-se em direito, trazia-me belas informações do mestre-intelectual Dr Régis Frota.

Gratidão tributamos aos mestres betanistas e como não se paga o real valor do ensinamento, resta-nos expressar nossa gratidão sugerindo que certamente apropriaram-se das palavras do MESTRE: *“De graça receberam, de graça deram”*.¹

Perdas e ganhos fizeram parte da caminhada, mas o êxito teria valido a pena e a operosidade na seara continuaria.

¹ Mt 10.8 “b”

“Estava Moisés a cuidar do rebanho do sogro, expediente normal de sua lida diária, quando do meio de um arbusto espinhento, Deus falou.”²

Do meio “do nada importante” Deus convoca aquele hebreu fugitivo, para mudar o rumo da história. Podemos também ser surpreendidos por Deus ao realizar o trabalho simples do dia a dia.

Recentemente à frente de uma Associação Assistencial Filantrópica da igreja AD CIDADE, também voltada para os cuidados com crianças em estado de vulnerabilidade, chegamos a lugares inóspitos dos bairros Sapiranga e Tancredo Neves, em Fortaleza.

O Projeto Cidade Criança, um dos momentos práticos do evangelho pregado, em parceria com a Compassion do Brasil, alcançou quatrocentas crianças, cuja maioria foi muito cedo apresentada às drogas e às armas e agora escuta a mesma voz, que foi emitida do espinheiro que ardia e não se consumia.

Do casarão da Betânia para o trabalho que nos foi confiado em cada etapa da vida, certamente o propósito de servir, aprendido ali e chancelado pelas Escrituras, nos fizeram profícuos.

O apóstolo dos gentios assim recomendou aos cristãos, sobre a responsabilidade em seus ofícios: “Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo”.³

Somos gratos a Deus por estas instruções terem saltado os muros da Betânia para o cotidiano do nosso lícito labor, com profunda influência na geração que nos sucede.

² Ex 3.1-4

³ Cl 3.23

“Agora que estou velho, de cabelos brancos, não me abandones, ó Deus, para que eu possa falar da tua força aos nossos filhos, e do teu poder às futuras gerações”.⁴

Benfeitores: Mons. Tibúrcio Gonçalves de Paula, Vigário de Tianguá – Ce.; Padre José Linhares Ponte – Diretor do Colégio Sobralense Padre Osvaldo Carneiro Chaves – Mestre

